



GIL VICENTE

Semanário monarchico-integralista
(Literário e Noticioso)

Orgão e propriedade da

Junta Municipal de Guimarães

Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITAÇÃO

*Pardiez! siete arrepatones
Al pegaron: e la entrada
Mas yo de una puñalada
A uno de los rascantes*

VAQUEIRO

Director:

D. José Ferrão.

Adm. e Editor:

Domingos Ribeiro.

Comp. e imp.: MINERVA RIBEIRO
Rua de Gil Vicente, 34 e 36 - GUIMARÃES

O PRINCIPE!

FAZ hoje anos Sua Alteza Real o Principe Senhor Dom Duarte Nunc de Bragança.

Curvemo-nos. Que na reverencia com que nos inclinamos para Lhe beijar a mão, vá todo o respeitoso carinho, toda a esperança firme e sincera com que o nosso coração e o nosso espirito recebem a mocidade de cabelos de ouro que vem, como um simbolo e uma luz de alvorada, apontar a marcha de Portugal para um futuro de grandeza.

Estão por demais acentuadas as razões por que a organização integralista não acatou o chamado pacto de Paris. Inutil seria recordá-las nesta data que nós queremos anotar sem que no nosso espirito acorde o eco das paixões revoltas que á roda dessa determinação se aprofundaram. A hora é de já bastante grave, nesta luta dura e implacavel contra o regimen de opressão que nos governa para que o tempo nos sobeje para discussões que estão mortas por natureza.

A questão está exausta; o debate encerrado, e sufficientemente esclarecido.

Que a nossa certeza imensa das verdades que defendemos, que a nossa confiança nas virtudes da realeza nos amparem na estrada agreste do sacrificio. E os que tombarem por terra antes da Vitória, levem ao menos bem vincada a convicção de que podem contar com os que houverem de chegar ao cabo da restauração de Portugal.

A intransigência na defeza dos principios, o calor no ataque á Democracia, a serena e confiada paz do nosso espirito que sirvam de peñhor para o futuro. Não nos seduz a ilusão da Monarquia a breve praso, gerada pela acção negativa dos desconchavos da republica. Não temos a impaciencia de quem sente fugir o seu momento, de quem receia o tempo. Cada ano que passa é mais um argumento por nós, é mais um triunfo do Nacionalismo contra a Democracia. São bem eloquentes e frisantos os acontecimentos ultimamente desenrolados nas duas Monarquias latinas: Italia e Espanha para que nós algo tenhamos de nos impacientar.

Faz hoje anos o Principe!

Na Sua alma, estilizada pela tradição de seculos, andarà errante como aguiá que desfralda as azas no mais alto das montanhas a fugir da neve para fitar o sol, a alma dos mortos que adormeceram no regaço do Senhor, com a saudade de Portugal á dulcificar o ultimo pensamento da agonia.

A pureza clarissima da Sua alma vem iluminar a nossa intelligencia, fortalecer o coração de todos os que lutam nesta trincheira com o olñar preso nos horizontes donde ha-de surgir, santificada pela creença purissima de almas novas, a bandeira que tremulou nas fortalezas e nos campos de batalha, timbrada pelo ouro glorioso da corôa de Portugal.

Ergam-se alto as almas neste dia. Elevem-se os corações. Passe por Portugal uma rajada de fé que sacuda, que levante, que faça sair do torpôr em que se afundam os que descrêem, os que desanimam, os que se entregam a esse fatalismo miseravel que perde energias, ensombra os espiritos e enegreço as almas. E não esperam demasiado porque Deus no Seu saber infinito disse: «Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça»...

Aniversario dum Principe

Longe, bem longe, lá na martir mas heroica Austria, em terras do exilio, no seu velho e medieval Castelo de Bronnbach, faz anos um Principe Real de descendencia portuguesa.

Neto dum grande Rey de Portugal,—o derradeiro de Portugal,— e filho dum outro grande Rey, é Ele, neste momento, a personificação última dum Povo místico e misterioso, e a encarnação tambem última da lenda Sebastianista.

Justamente escolhido pela pleiade invencivel que constituem o Integralismo Lusitano, o Senhor Dom Duarte Nuno é, na verdade, o Rey que traduz todas



as aspirações duma Raça gloriosa dum glorioso Passado.

Faz Ele anos. Mais um ano que Ele tem, é para nós, integralistas, um ano mais próximo do dia bendito da Redenção!

Ante o Aniversario natalicio dum Principe eleito, que todos os integralistas tenham fé no futuro e na Restauração de Portugal, porque assim não só praticaremos nobremente o nosso Dever de bons portugueses, como ainda serviremos de Exemplo ás gerações vindouras.

Ruy Galvão de Carvalho.

Regressando

Procura-se achar a estabilidade nacional, perdida de facto desde 1824, não já, com as mesmas hesitações com que os românticos liberalistas de 1820 a haviam destruido na essencia, gesticulando sobre o vacuo do desconhecido os dogmas mentirosos da democracia, a tactearem, atraídos pelo abismo, o acidentado e espinhoso despenhadeiro pelo qual, eles por fim se atiraram em cambulhada com o País, de queda em queda, até ao fundo do barranco lamacento em que jazemos todos...

A idolatria pelo Passado com que vamos marcando, inconscientemente talvez, o desgosto do Presente, e que nos leva a oferecer trinta mil réis por um covado de amarelecida renda de Peniche, oitenta por um caco do Rato ou de Brizão, meio conto para obter uma almofadada cama D. João V, uma loucureira para adquirir um retabulo de entalhada nogueira de Pero Faca e uma fortuna em troca de uma baixela

EL-REI MENINO

•Virá, um dia, carregado de ouros.
•Marfins e pratas, que do seu herdou,
•O Rei Menino que se foi aos moiros
•Que se foi aos moiros e ainda não voltou.
•Tem olhos verdes e cabelos loiros,
•Ah! não se enganem, (ainda não chegou)
•Virá El-Rei Menino do Estrangeiro
•Numa certa manhã de nevoeiro!...

De ANTONIO NOBRE.

*Manou a agua dum rochedo a pique
e a Casa-Antiga já se avista perto...
O Deus da Ruça, o grande Deus de Ourique,
não nos deixou, perdidos, no deserto!*

*A graça do Senhor te santifique
herdeiro presuntivo do Encoberto.
E aquele Afonso que nasceu de Anrique,
te deito a benção do seu golpe certo!*

*Cingida a fronte em rama de asinheira
Vem pastorear as Quinas e os Castelos,
que é teu officio o de pastor real!*

*E saibam sempre a terra bem trigueira,
O' alto Infante dos destinos belos,
As vozes que tu dês a Portugal!*

Antonio Sardinha.

cinzelada por alguns dos nossos ourives de prata manuelinos, que significará senão a saudade pelo que lá vai, e a ancia para que volte uma outra vez?!

Se cada um, já busca pôr em si adereços e esmaltes de outras eras, cercar-se de velhos alfarrabios carcomidos de traça e de moveis que os seculos estilizaram, de fânças e porcelanas a que os anos estalaram o vidro, banindo das fachadas de suas casas os incharacteristicos ornatos de importação, para lhes preferir o tão sugestivo ar regional das nossas provincias, passando essa tendencia, até da habitação dos vivos para o tumulo dos mortos, a Nação, que é o conjunto dessas coisas e pessoas, presentes e pretéritas, poderá ficar indiferente á sua reacção molecular?

Quando vibram todas as células de um organismo, esse organismo quedar-se-ha em repouso inerte?

Regressa-se! Regressa-se! E ainda bem; porque depois de retroceder no ambito das ideias e dos factos, de começo, isoladamente, mal nos irá, se não regressarmos tambem, na acção politica do conjunto, aos moldes sadios e antigos, com os quais fomos tão iniciadores e grandes que, depois de tão pequenos e perdidos, ainda seremos capazes de nos erguer e caminhar, obedecendo á voz patriótica de Alguem, que nos grite de Alem da Vida:—*Surge, et ambula, Portugal!*— e que, já não podendo erguer-se, Ele mesmo, e galopar garboso como de antes, o cavalo domado, a espada erguida (essa espada que fazia tremmer o ministro plenipotenciario da Grã Bretanha, Sir Frederick Lamb) em defesa desta Terra que O crucificou na dôr dos desterrados e na miseria dos vencidos, por Si nos dê, magnanimo e augusto, da Sua arvore genealogica, que crava as raizes robustas nas tres dinastias dos Reis Portugueses, não já uma rosa aberta, que tanto não merecemos, mas um botão pequenino, a entreabrir em flôr o riso de uma esperanza...

Corramos a colhe-lo, tendo-o em muita estima, porque esse botão de rosa será para nós o ultimo lampejo, de cor ainda fulgente, do imenso e glorioso clarão, dourado e vermelho, da maior das Epopéias!

Sugestão da Historia:

—Duarte?... A ponderação culta e eloquente!

—Nuno?... A fé das valorosas arrancadas!

Nestes dois nomes, de tão integral cunho da Raça:—mente ás Musas dada e braço ás armas feito,

—que rosicler de aurora!...

E que lição de Deus!

MAGA.

SOLUÇÃO NACIONAL

Está inteiramente provado que o único processo de solução nacional é a proclamação da Monarquia. A republica, proclamada em Portugal em 5 de Outubro de 1910, tem sido, desde a sua proclamação até hoje, um regime pernicioso e malefico que apenas tem procurado amesquinhar as gloriosas tradições do nosso país. É necessário que todos, absolutamente todos os portugueses, que amam este torrão bendito da sua Patria, se compenem desta verdade bem expressa na má conduta seguida pelos vários e muitos governos da republica no que respeita a todos os actos de politica e administração interna e externa da nação.

Não haja duvida de que só a Monarquia é capaz de dar a Portugal não só uma situação de destaque no seio de todos os países civilizados, mas também de lhe restituir o crédito interno e externo de que gozou em outros tempos e que a republica lhe fez perder em virtude da politica de *arranjismo* que tem seguido e continua a seguir.

A sociedade portuguesa não pode continuar a merer de vontade dos sicarios e biltres do regime para quem a Patria não passa dum todo inteiramente material. A republica portuguesa não é nem mais nem menos do que um regime politico constituido pelo chefe supremo que é o illustre diplomata da Serra da Estrela, temporariamente residente em Paris onde procura descobrir o *releir* de salvação nacional, e que há tanto tempo anda para retomar a actividade politica, o que só faria em occasião oportuna e officiosamente annunciada — tendo como subalternos os conhecidos e celebres nacionalistas, o partido da salvação nacional com o seu programma literario da auctoridade do intellectual Julio Dantas. É natural que os ares da Serra onde se encontra Afonso Maria de Ligório — o corifeu máximo do regime republicano — em estação de repouso, sejam um motivo sufficiente para a sua permanencia em Portugal onde terá de ser entrevistado e consultado pelos altos jornalistas e politicos acerca dos assuntos palpitantes da politica da epoca: a falta de numerario, a eleição do negociante de figos para a presidencia da republica, etc etc etc. Pelo menos, os jornais annunciam que

Sua Ex.^a ficará em Portugal. Eu peço licença para não acreditar.

Querem saber o que penso a esse respeito? Eu lhes digo: Penso que o sr. Afonso Costa nunca mais voltará a Portugal no sentido de retomar a actividade politica. E porquê? Porque já se *arranjou* e continua a *arranjar* sem que lhe seja necessario estar cá dentro a *disfrutar* revoluções. Eu penso, pois, que o sr. Afonso Costa só voltará para Portugal no dia de *são nunca tarde*. Além disso, como isto de hoje para amanhã pode dar uma reviravolta e a situação se pode modificar, o sr. Afonso Costa foi-se pondo a salvo juntamente com a sua bagagem para que depois não tivesse que passar pelo dissabor de mais uma vez ter de se esconder nas aguas furtadas dum hotela traz dum fogão de cozinha.

É espantoso, mas é verdadeiro!

Enquanto que a republica não represente senão uma facção politica, a monarquia é a concentração de todas as forças nacionais. A republica foi feita para os republicanos, ao passo que a Monarquia a proclamar será para todos os portugueses. A republica é um partido politico. A Monarquia um regime nacional. Qual será, portanto, de entre estas duas correntes de opinião, a que me venho referindo, a preferivel para um país que quer viver desafogadamente o que tende a atingir o grau máximo do desenvolvimento e civilização? Sem duvida alguma que é a Monarquia.

A confirmação desta minha opinião encontro-la, não ponho duvida em affirmá-lo, na pessima e criminosa administração dos governos da republica. O que tem feito a republica desde 1910 até cá? Qual a sua obra? Nula? Não. Criminosa, anti-patriotica porque sem atender ás necessidades do país antes procura satisfazer a vontade dos seus correligionarios e defensores que são os mandantes do regime, esses homens que vivem nas alfurjas sustentados com o dinheiro da nação. E o desgraçado contribuinte a pagar cada vez mais!... Não haja duvida, pois, de que o unico processo de solução nacional é a proclamação da Monarquia.

Bento Caldas.

Depois da Exposição

Propaganda

Depois do triunfo obtido pelas industrias vimezanenses no grandioso certamen que foi a Exposição Industrial e Agricola Concelhia, tam apreciada por todos que a visitaram e foram unanimes e justos nas apreciações feitas, que constituem uma gloria e um orgulho para a nossa terra, urge que as nossas casas de industria levem a todos os recantos o reclame dos seus produtos, contribuindo, assim, para a maior expansão dos seus artigos e para maior nome de Guimarães.

O almanaque é hoje no estrangeiro uma das formas mais vulgarizadas da aquisição de conhecimentos uteis. Entra em toda a parte. Pode, sem perigo, cair em todas as mãos, ser lido por todas as intelligências.

Para o commercio é ele o melhor campo de propaganda. O anúncio de jornal passa ao fim dum dia. No almanaque prolonga-se por todo um ano, mantem-se ás vezes por muito mais tempo até. Entrando numa familia é lido por todos. Agorapor um, logo por outros. É o anúncio que

por ventura passasse despercebido á primeira vista é notado por fim. A casa comercial que nele fixou o seu nome, tem a certeza de que se tornou conhecida de quantas familias compram ou viam casualmente o almanaque.

«O ALMANAQUE PORTUGAL BRAZIL» apresenta-se com excepçoes condições para ser util ao commercio. Com uma larga extracção garantida em Portugal e no Brazil, éle pode prestar os melhores serviços ao commercio portuguez. Quanto não ha ainda que fazer em matéria de publicidade no nosso país! Os proprietarios do ALMANAQUE PORTUGAL BRAZIL estão na resolução inabalavel de pôr ao serviço da publicidade portuguesa todos os seus recursos. Para isso farão um livro de optima leitura, com colaboração inédita de escritores eminentes, gravuras interessantissimas, vasta illicudação de todos os assuntos que podem interessar, enfim um trabalho onde encontrarão cuidadosamente seleccionados conhecimentos de historia, de sciencia, biografias de homens illustres, trechos dos mais notáveis escritores, poesias, — tudo amenizado com *charges*, gravuras, caricaturas, anedotas etc. etc.

Todas as informações serão prestadas nesta cidade: na nossa

redacção; e em Lisboa: dirigir a J. Fernandes Junior — Largo do Directorio 8, 3.º

Festa dos Expositores

Não só o nosso apoio, franco, leal e sincero á festa que se projecta, e que é, sob todos os pontos de vista, simpatica e louvavel, como tambem o nosso agrado de simpatia a todos os expositores, que compreendendo o fim benéfico de que se trata, sabem corresponder com caridade e amor ao apelo que lhes fizeram, e á Ex.^{ma} Comissão Organizadora, que trabalhando pelo bem, trabalha com vontade, com desvelo e com carinho.

As ordens da Comissão fica, pois, incondicionalmente, o nosso jornal. Para fins assim tão uteis, para lembranças assim tão louvaveis, o nosso jornal é sempre um baluarte de força, de vontade e de coragem.

A festa deve ser linda, e os vimezanenses, estamos certos, devem saber corresponder.

Não haverá nenhum expositor que se furte a dar uma parcela das riquezas que expõe, estamos disto convencidos, tanto mais que a festa a eles pertence, a eles que, no grande Certamen do Trabalho, tiveram a alegria maxima de ver em exposição, o fruto do seu labor admirado por muita gente, que amanhã, alguma dela, quem sabe, quereará ter, como recordação, um objecto que lembre mais tarde a grande parala expositiva que se realizou em Guimarães.

Para essa festa, embora ella seja exclusivamente dos expositores, todos podem e neorrer. A necessidade precisa de larga caridade.

Deem todos os que poderem dar: Comercio e Industria.

E as senhoras, ah! não esqueçam as senhoras, podem como ninguém, amparar e proteger essa festa de caridade e amor.

Fica satisfeito connosco o sr. Alberto V. Braga, nosso amigo e presado colaborador literario?

A Comissão Organizadora do bazar de caridade ficou assim composta:

- D. Maria Almeida
- João Rodrigues Loureiro
- Francisco Pereira Martins
- Eduardo Mota
- José Martins Fernandes
- Casimiro Martins Fernandes
- Gualdino Pereira
- Francisco José Ribeiro
- Alberto V. Braga.

Quando o programa estiver elaborado, teremos muito prazer em publicá-lo.

Falamos ha dias com um dos membros da distinta Comissão, sabendo por éle que a festa se deve realizar no primeiro domingo de Outubro, tendo essa festa todo o caracter dum arraial Minhoto.

A VORAGEM

É assustador o que se passa com referencia á carestia de tudo quanto é necessario á vida.

E, assim, vai-se reconhecendo mais e mais a significativa decadencia de caracter de uns da falta de confiança de outros.

Dáqui á derrocada final — que, certamente, terá a mesma eclosão da catastrophe japoneza — digam o que disserem os *optimistas* que se locupletam á meza do orçamento, vai um passo. Um passo que tanto pode representar o salto do sapo, ou mais claramente a morte lenta e prematura dum povo que se banquetea na sua propria miseria, ou o despontar claro da nossa Ressurreição da parte daquêles que são patriotas acima de todo este desmanchar de feira, da parte dos que estiolam de fome, da parte de todos

enfim, que sofrem as consequências de toda esta mal enjandrada engrenagem em que pontificam os *senhores de tudo isto*.

É o Estado? Esse perde-se em crises politicas, em crises de acção e de incoerencia, e, como o dinheiro não chegue para que a banca se mantenha eternamente, encrava as finanças nas distribuições generosas do bôdo, desata a aumentar de uma maneira desenfreada as contribuições existentes e principia a pensar em novos aumentos, para tudo desaparecer na voragem do insaciavel vorador.

É assim que se afirma com todos os visos de verdade, que a Patria, diario de Lisboa, já se fez eco, que a circulação fiduciaria foi já aumentada á *capucha*, enquanto o commercio, a industria e a agricultura de todo o país estão sustentando sosinhos uma luta tenaz para evitar um tremendo «Krack» —, levando as novas notas o destino que bem pode conjecturar-se, por ser o de sempre, desde que se sabe que ellas não foram fornecidas para aliviar da situação asfixiante em que se encontram os nossos centros comerciais, industriais e agricolas.

A *Capital*, jornal lisboeta, veio declarar que o aumento verificado se refere a 1 de Agosto, e, realmente, pelo mapa do movimento do Banco de Portugal, ultimamente publicado e relativo áquella data, reconhece-se que, depois do Balancete anterior, foram lançados em circulação mais 23.232 contos de notas.

Entretanto quando, em 11 do corrente, as associações representativas das classes economicas se dirigiram ao sr. Ministro das Finanças pedindo providencias para a situação que ameaça degenerar em catastrophe, o sr. Velinho Correia mostrou não se aperceber da importancia do transe em que o país está envolvido.

No entanto, o governo continua a prover á sustentação da turba-multa dos que amparam o regimen em troca dos estipendios do tesouro e á parasitagem que devora as receitas publicas em todas as loucas prodigalidades que abundam no orçamento e fora dele, dando assim plena satisfação ao proclamado dogma de nós *tambem queremos comer*.

A republica é isto. Inimiga da Nação só procura prejudicá-la, sorver-lhe toda a seiva, deixá-la exausta. Portanto, para que a Nação se salve, é necessario que a republica deixe de existir.

«Gil Vicente»

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do nosso jornal.

Esperamos, pois, de todos os nossos amigos e presados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está vencida já

a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguém ignora já hoje as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem fez o jogo da Finança.

O nosso jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o nosso pedido, esperamos dever a todos a fineza do pronto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despesas com a mesma cobrança.

João de Sousa Roriz

Faleceu, ha dias, em Viana do Castelo, o nosso conterraneo sr. João de Sousa Roriz, estremito irmão dos nossos amigos srs. José de Sousa Roriz, inteligente amonense da Administração do Concelho, e Domingos de Sousa Roriz, habil fotografo naquella cidade.

A toda a familia enlutada, e em especial áqueles nossos amigos, apresentamos sentidos pezaes.

Integralismo Lusitano

Junta M. I. de Guimarães

«GIL VICENTE»

Tendo-nos sido solicitada, pelo sr. Domingos F. Oliveira Guimarães, a sua exoneração dos cargos de editor e administrador do nosso semanario «Gil Vicente», assume interinamente esses cargos, desde hoje, o vogal desta Junta sr. Domingos Ribeiro.

Guimarães, 1 de Setembro de 1923.

A Junta Municipal.

Expediente

Rogamos a todos os nossos presados assinantes que mudarem de residencia o favor de avisarem para esta administração, em bilhete postal, unica forma de lhes ser remetido o jornal para a nova morada.

Igual pedido fazemos aos senhores assinantes que se retirem para as praias, termas ou campo e desejem receber regularmente o nosso jornal.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 300 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.^{ma} Sur.